

# Sobrevivendo ao genocídio e ao deslocamento: diáspora curda e respostas à repressão na Turquia e no Iraque entre 1987 e 1995

Guilherme Moutinho Serodio\*

## RESUMO

Os curdos são o quarto maior grupo étnico do Oriente Médio e a mais numerosa etnia no mundo sem um estado em que formem a maioria da população. Esse artigo pretende explorar o problema de repressão às tentativas de formação de um Estado Curdo no Iraque e na Turquia entre 1987 e 1995.

**Palavras-Chave:** Política Internacional, Oriente Médio, Relações Étnicas, Conflitos.

\* \* \*

## ABSTRACT

The Kurds are the fourth largest ethnic group in the Middle East and the largest ethnic group in the world without a state where they are the majority of the population. This article intends to explore the problem of the repression of attempts to form a Kurdish State in Iraq and Turkey between 1987 and 1995.

**Key-words:** International Policy, Middle East, Ethnic Relations, Conflicts.

\* \* \*

## RESUME

Les Kurdes représentent le quatrième plus grand groupe ethnique du Moyen-Orient et la plus nombreuse ethnie au monde qui reste minoritaire dans la popu-

\* Graduado em História pela UFRI.

lation. Cet article prétend mettre en évidence la question de la répression aux tentatives de formation d'un État Kurde en Irak et en Turquie entre 1987 et 1995.

Mots-clés: Politique Internationale, Moyen Orient, Relations Ethniques, Conflits.



## Introdução

*"Não se pode conceber soberania como o direito de matar milhões de pessoas inocentes."*

Raphael Lemkin

Raphael Lemkin, o advogado judeu polonês que cunhara o termo genocídio como o crime de extermínio de uma etnia perpetrado por um governo, começou a se interessar por essas massas exterminadas ao ler, no começo dos anos 20, uma notícia de jornal sobre a perseguição aos armênios na Turquia durante a Primeira Guerra Mundial.

Na segunda metade dos anos 80, portanto 60 anos após o interesse de Lemkin pelo sofrimento armênio, a mesma região presenciaria novamente o genocídio, desta vez contra os curdos.

Os curdos são o quarto maior grupo étnico do Oriente Médio e a mais numerosa etnia no mundo, sem um estado em que formem a maioria da população. O nome Curdistão, em seu equivalente arábico, é de uso comum há ao menos 6 séculos, e designa a região onde os curdos são a maioria da população, embora não a única etnia. Essa região foi dividida primeiramente entre os impérios Otomano e Persa no século XVI.

Embora movimentos pró-independência já ocorressem desde finais do século XIX, segundo Robert Olson (1989), o problema curdo – a ausência de uma nação curda – emergiu com o final da Primeira Guerra Mundial e o colapso do Império Otomano. Em outubro de 1920, o derrotado império assinou com as nações vitoriosas da Tríplice Entente o tratado de Sèvres, um acordo de paz que consagrava a perda de vastos territórios pela Turquia, entre os quais, o que deveria se tornar o estado independente do Curdistão.

Com o fim da guerra de independência da Turquia da qual Mustafa Kemal, o Atatürk (pai dos turcos), e seus seguidores saíram vitoriosos, o

Tratado de Sèvres foi substituído pelo Tratado de Lausanne de julho de 1923, que dividiu a região destinada a ser o Curdistão em territórios da Turquia, Iraque e Síria. Sentindo-se usurpados desde então, a partir de 1925, os curdos têm promovido revoltas na região.

Embora não haja fontes detalhadas para informações populacionais, a CIA estima que a população curda nos quatro países seja de aproximadamente 25 milhões de pessoas. Segundo as estimativas para julho de 2008 do *CIA Factbook*, na Turquia eles seriam 20% da população total do país ou aproximadamente 14.378.600; no Iraque aproximadamente 5.000.000 que constituiriam entre 15 e 20% da população e, no Irã, 4.500.000, o que significaria 7% da população total. Na Síria é difícil definir sua proporção, pois junto com armênios e outras minorias constituem aproximadamente 10% dos cerca de 20 milhões de sírios, mas não temos dados mais claros sobre a proporção de cada minoria.

O curdo, a língua dos curdos, é uma língua indo-européia do grupo indo-iraniano e divide-se em três dialetos principais: o *Kurmancî*, falado principalmente no território pertencente à Turquia, na Geórgia e Armênia (ex-URSS) e na região curda da Síria; o *Soranî*, falado no Curdistão iraquiano e no oeste do Curdistão iraniano e o *Zaza* (ou *Dimili*) que é comum na parte central do Curdistão turco, na região da cidade de Bingöl. Há ainda outros dialetos menos praticados como o *Gurani*.

A escrita é outra dificuldade. Os curdos da Geórgia e da Armênia (antigos domínios soviéticos), que sempre tiveram mais liberdade para suas publicações, escrevem em alfabeto cirílico, enquanto os curdos turcos utilizam o alfabeto latino e os curdos da Síria, Iraque e Irã escrevem no alfabeto árabe (ou arabopersa). Quanto à religião, os curdos são, em sua grande maioria, de fé muçulmana sunita, mas há minorias de confissão iezídica.

A região curda, uma área estimada em 518 mil km<sup>2</sup> (POWER, 2004, p. 208), é em sua maioria composta por montanhas, parte das cadeias montanhosas da Anatólia (HOURANI, 2006, p. 131). Uma terra por onde passam os rios Tigre e Eufrates e que possui um inverno bastante frio e mesmo nevado em certas partes. Embora existam grandes cidades na região curda como Kirkur, os curdos vivem tradicionalmente em tribos rurais, exercendo atividades pastoris. Essas tribos são lideradas por um homem, o Agha, e podem ir de pequenas unidades familiares a milhares de membros.

O Curdistão é uma região usada secularmente para o cultivo de grãos e criação de carneiros e cabras em regime de transumância sazonal de pastos, mas que por sua difícil acessibilidade favoreceu o isolamento dos curdos, o que é apontado por alguns autores como um fator decisivo tanto para

afastá-los das políticas públicas dos governos quanto para manter a resistência à assimilação de sua cultura (CORNELL, 2001, p. 4).

Outros, no entanto, vêem o desinteresse dos centros administrativos como uma resposta à insubordinação curda (FULLER *et* BARKEY, 1993, p. 11-13). Tendo como exemplo a Turquia, onde o sudeste é a parte mais pobre do país, pode-se verificar que a região curda é normalmente subdesenvolvida em relação às outras partes dos países que ocupam. Questão para a qual pesam também os vários conflitos armados e a subsequente destruição da infra-estrutura.

Apesar de sua diversidade e de estarem divididos por territórios de quatro países – além de sua presença na Geórgia, Armênia, Azerbaijão e Turcomenistão – os curdos mantêm uma forte identidade étnica, a fonte de seu nacionalismo. Nacionalismo que ao longo do século XX foi constantemente reprimido de modo violento por sucessivos governos na Turquia, Síria, Irã e Iraque por diversas maneiras, incluindo assassinatos e prisões de opositores ao regime vigente, repressão à liberdade de expressão sobre publicações e veículos de comunicação e sobre o próprio uso da língua curda, deslocamentos internos e expulsão de grandes massas da população além de campanhas de arabização.

A importância geopolítica da região, uma fronteira entre quatro das mais poderosas nações no Oriente Médio, além de sua riqueza em petróleo parece ter sempre atrapalhado as aspirações de independência curda. Além disso, a estabilidade na região é valiosa também para o Ocidente interessado em manter o fluxo do fornecimento de petróleo.

Desde o imperialismo britânico em fins do século XIX, os curdos foram peças usadas pelas potências ocidentais no jogo do equilíbrio de forças que visa à hegemonia dos seus interesses no Oriente Médio, sendo sempre abandonados à própria sorte quando esses interesses se esgotavam ou eram negociados os governos vizinhos, atores mais fortes. Robert Olson (1989) nos revela que ainda durante o domínio do Império Otomano funcionários da diplomacia inglesa já negociavam com líderes políticos curdos a possibilidade da criação de um Estado curdo.

Nesse sentido, vale citar a frase de Henry Kissinger, secretário de Estado americano em 1975, ao comentar o fim do apoio americano à revolta curda no Iraque após a assinatura do Acordo de Argel entre Irã e Iraque naquele ano. Kissinger afirmou: “não se deve confundir ação secreta com trabalho missionário” (POWER, 2004, p. 209).

O problema para os curdos é que, após o fim do apoio internacional para suas revoltas e a reversão do quadro político, a resposta do governo

prejudicado seria como a de Saddam, que na ocasião alertou: “os que se venderam a estrangeiros não escaparão da punição” (*Idem*). Por isso, os curdos costumam dizer que não possuem amigos a não ser as montanhas.

Em situações como essa, a intervenção internacional foi sempre descartada sob o argumento de se tratar de um assunto de soberania nacional. Os problemas enfrentados pelos curdos em cada um dos países onde habitam variam em natureza e intensidade. Porém, foi na Turquia e no Iraque, os dois maiores Estados de população curda, que eles sofreram os mais duros exemplos de repressão em sua história recente.

No Iraque, desde a chegada do partido Baa’th ao poder em 1968, o novo presidente Hassan al-Bakr percebera a importância dos líderes políticos curdos Mustafá Barzani, líder do Partido Democrático Curdo (KDP), e Jalal Talabani para a estabilidade no Curdistão iraquiano. Em julho de 1968 al-Bakr nomeara três ministros de origem curda, dois ligados a Barzani e um a Talabani, e em março de 1970, o governo iraquiano publicou um manifesto com o inédito reconhecimento de direitos curdos. A identidade nacional curda era reconhecida assim como sua língua e era-lhes prometida predominância na administração da região administrativa especial a ser criada.

No entanto, um ano depois era perceptível que questões-chave como administração da defesa, finanças e da exploração do petróleo estavam fora de cogitação. Nesse ano, o governo do Baa’th iniciava sua primeira arabização da região curda, incentivando famílias árabes a deslocarem-se para o norte, ao mesmo tempo em que expulsava cerca de 40.000 curdos xiitas para o Irã (TRIPP, 2003, p. 232-233).

Conhecendo a capacidade dos *peshmerga* (os guerreiros curdos), desde o início da Guerra Irã-Iraque em 1980, o governo de Saddam Hussein, que chegara ao poder em 1979, se preocupava especialmente com sua população curda. Embora pudesse vigiar aqueles que viviam nas cidades, era difícil controlar as populações rurais vivendo em montanhas praticamente inacessíveis.

A partir de 1985, uma aliança entre os dois principais partidos curdos o KDP e o PUK (União Patriótica do Curdistão fundada por Jalal Talabani), apoiada pelo Irã, lutava fortemente contra as forças do governo iraquiano. No entanto, foi apenas a partir de 1987, quando as ofensivas iranianas no sul diminuíram, que Saddam pôde concentrar-se na sua questão curda. Decidido a punir os revoltosos exemplarmente, Saddam nomeara seu primo Ali Hassan al-Majid como secretário-geral do Departamento Norte do

Iraque<sup>1</sup>, detendo o comando absoluto da região curda. Al-Majid, iniciaria então a campanha al-anfal ou ANFAL (espólios), pela qual ficaria conhecido como Ali Químico.

Segundo a jornalista norte-americana Samantha Power, em seu livro *Genocídio: a retórica americana em questão*, a meta fundamental de Saddam e al-Majid era eliminar a insurgência curda, mas o meio escolhido para isso foi a destruição da população curda rural. Civis curdos eram detidos e executados ou eliminados com gás não em razão de algo que tivessem feito como indivíduos, mas simplesmente por serem curdos.

Segundo a autora que se baseia nos relatórios da *Human Rights Watch* e Anistia Internacional, nos anos de 1987 e 1988 as forças militares de al-Majid destruíram milhares de vilarejos e mataram cerca de 100 mil curdos iraquianos, entre homens, mulheres e crianças em grande maioria civis, estando quase todos desarmados. O Gás Mostarda, a principal arma usada na ANFAL, era fornecido principalmente pela Alemanha Ocidental e já eram utilizados contra o exército Iraniano desde 1983. No entanto, mesmo após a comunidade internacional ter conhecimento do uso de armas químicas pelo Iraque, principalmente depois do ataque à cidade de Halabja em 16 de março de 1988, cuja filmagem da destruição por repórteres ocidentais foi viabilizada pelo Irã, nenhuma medida foi tomada contra o governo de Saddam Hussein que pôde realizar aproximadamente 40 ataques químicos em aproximadamente 6 meses.

Para o professor de política do Oriente Médio na Universidade de Londres, Charles Tripp, a campanha ANFAL não foi um intento genocida, mas sim uma campanha cujo objetivo era somente acabar com a resistência curda. Por sua perspectiva, a ANFAL foi vitoriosa no final de agosto de 1988 quando "toda a resistência organizada estava terminada e as forças armadas iraquianas controlavam toda a região curda" (TRIPP, 2003, p. 266). Um objetivo militar para cuja realização 60.000 pessoas teriam perdido a vida.

Com o último ataque da ANFAL de 25 de agosto de 1988, 5 dias após o término da guerra com o Irã, 65 mil curdos iraquianos chegaram à Turquia e às lentes e microfones dos jornalistas ocidentais (POWER, 2004, p. 238). Até então, mesmo com o ataque à Halabja, a guerra fora capaz de ofuscar o massacre. A região montanhosa e a impossibilidade de um repórter estrangeiro conseguir visto para entrar no norte do Iraque também pesaram para o desconhecimento da situação.

<sup>1</sup> Para Charles Tripp, o título é o de vice-rei para o norte (TRIPP, *História do Iraque*, p. 264).

No entanto, interesses geopolíticos e econômicos falaram mais alto que as preocupações humanitárias das potências ocidentais até abril de 1990, quando Saddam afirmou em discurso, que queimaria Israel caso fosse atacado pelo país inimigo, e três meses depois, em 2 de agosto de 1990, invadiu o Kuwait. Novamente o vento tinha mudado no Oriente Médio e as peças se realinhavam. Agora, com a ofensiva aliada liderada pelos Estados Unidos a partir de janeiro de 1991, Saddam voltava a ser inimigo, e os curdos potenciais aliados.

Entretanto, quando em 27 de fevereiro os EUA declararam o cessar-fogo, os curdos ainda confiavam no apoio das forças aliadas e, no dia 6 de março iniciaram uma nova insurgência. O contra-ataque de Saddam Hussein viria no último dia daquele mês. Como resultado, quase 1,5 milhão de curdos fugiram para as fronteiras da Turquia e Irã.

Para realocar essa enorme massa, em abril os Estados Unidos montaram com seus aliados a Operação Assistência (*Operation Provide Comfort*), que instituiu em parte do Curdistão iraquiano uma zona autônoma a ser gerida por curdos e proibida para o governo iraquiano. Agora os curdos iraquianos retornados podiam governar a sua terra sob a proteção dos soldados da OTAN.

Na Turquia, foi justamente a instituição do governo autônomo do Curdistão iraquiano no rastro da Guerra do Golfo que tornou o seu "problema curdo" mais delicado. Entre 1984 e 1999, o PKK (Partido dos Trabalhadores do Curdistão), fundado em torno da figura de Abdullah Ocalan em 1978, e o governo da Turquia estiveram em guerra, mas o ápice desse confronto se deu entre 1991 e 1995.

Segundo Svante E. Cornell, nesse período, a Operação Assistência permitiu ao PKK fortalecer-se criando bases em território iraquiano, fora do alcance do exército turco, onde fazia treinamentos e preparava ataques às forças turcas, ganhando terreno de tal maneira que em 1994 o PKK já dominava grande parte da região sudeste do país.

Para o autor, a resposta do exército turco tampouco era a mais adequada. Despreparados para atuar contra a guerrilha nas montanhas, os soldados não faziam distinção entre guerrilheiros e civis, o que aumentava o apoio popular do partido. Somando-se a isso, os direitos dos cidadãos curdos turcos eram limitados pela imposição do "estado de emergência" na região.

No entanto, além disso, como nos mostra o relatório "*Still critical*" da *Human Rights Watch*, o governo turco armou e pagou grupos paramilitares curdos (*village guard corps*) para lutar contra o PKK. Esses grupos

também se voltavam constantemente contra civis, expulsando-os de suas casas e vilas em direção às grandes cidades do oeste do país. O relatório traz exemplos de vilas curdas sendo evacuadas até o ano de 1995, totalizando aproximadamente 378 mil pessoas deslocadas (HRW, 2005, p. 1).

Entretanto, a partir de 1995, segundo Cornell, a situação começou a mudar. O exército turco, mais preparado para atuar contra a guerrilha, estaria também promovendo incursões no território do Curdistão autônomo no norte do Iraque, enfraquecendo a estrutura do PKK. Além disso, os militares teriam finalmente percebido a importância de separar civis de alvos militares. No entanto, o retorno dos deslocados daquela época é um problema na Turquia até hoje.

Segundo o ex-funcionário da CIA e pesquisador sobre Oriente Médio, Graham E. Fuller, em seu artigo "*The fate of the kurds*", de 1993, já naquela época a questão curda tornara-se um fator central para a estabilidade no Oriente Médio. Para ele, grupos curdos que vinham procurando maior autonomia cultural e política, intensificavam pressões desestabilizantes ao levantarem questões como direitos humanos, tratamento de minorias, democracia e movimentos separatistas. Para ele, os três países com maior população curda encontravam-se então em uma encruzilhada, devendo optar pelo federalismo, dando mais autonomia aos curdos, ou preparar-se para um longo período de agitação e violência.

Em um livro do mesmo ano, intitulado "*Turkey's kurdish question*", feito em parceria com Henri Barkey, os dois rejeitam a independência do Curdistão turco como solução do conflito entre o governo turco e a resistência do PKK. Em seu lugar, defendem a autonomia curda dentro da Turquia por meio de um governo descentralizado. Algo parecido com o que ocorria no Curdistão iraquiano de então. Para eles, o conflito não era uma guerra civil, mas uma insurreição, e a democracia turca era uma de suas principais vítimas, já que a instituição do "estado de emergência" na região era usada para restringir as liberdades individuais. Havia ainda a proliferação de serviços de segurança e o uso de leis repressivas para banir dissidentes e impedir publicações pró-curdos. Os autores, que consideravam o PKK uma organização terrorista, ressaltavam ainda que o comportamento do estado turco não deveria ser comparado ao de uma organização ilegal.

No mesmo período em que a situação curda no Iraque e na Turquia tornava-se mais delicada, inúmeras organizações curdas proliferavam na Europa e nos Estados Unidos, no rastro da chegada dos exilados dos conflitos. São exemplos: o *Institut Kurde de Paris* (fundado em 1982), o *Kurdish National Congress of North America* (fundado em 1988 logo após o ataque



de Halabja), o *Kurdish Human Rights Project* na Inglaterra (1992), a *Kurdiska Biblioteket* (biblioteca curda) em Estocolmo, na Suécia (1996), e o *Washington Kurdish Institut* (1996).

As primeiras levas de imigrantes curdos na Europa foram de trabalhadores oriundos da Turquia que, a partir dos anos 60, seguiram principalmente para a Alemanha atrás de melhores ofertas de trabalho possibilitadas pelo crescimento econômico. Na época, os trabalhadores curdos identificavam-se como turcos, segundo o antropólogo holandês, professor de estudos curdos e turcos da Universidade Utrecht, Martin van Bruinessen. Eles só começariam a identificar-se como curdos a partir dos anos 70 com a chegada à Europa de estudantes curdos e dos primeiros exilados políticos, que aumentariam bastante na década seguinte.

Para Bruinessen, a formação de comunidades curdas na Europa teve um papel importantíssimo no desenvolvimento de uma identidade entre os residentes da Europa e no desenvolvimento da produção cultural curda, como a produção de livros, jornais e de canais de TV, reprimidos fortemente na Turquia e no Iraque nos anos 80.

Em seu livro sobre o genocídio, Samantha Power diz que a inexistência de um forte *lobby* pró-curdos junto às autoridades americanas foi decisiva para que os Estados Unidos não interferissem na campanha genocida iraquiana, a ANFAL, contra a população curda rural. Para ela, “o problema não foi apenas que interesses especiais falaram alto contra a ação; foi que, ao lado desses *lobbies* especialmente interessados, não houve vozes concorrentes dando telefonemas em favor dos curdos” (POWER, 2004, p. 268).

Segundo a autora, havia três possíveis vozes que não se levantaram. Em primeiro lugar, a imprensa demonstrou um interesse irregular tanto sobre a campanha genocida iraquiana quanto sobre a disputa legislativa no congresso americano. Por outro lado, as duas maiores organizações de defesa dos direitos humanos, Anistia Internacional e *Human Rights Watch*, “ainda estavam operando em salas encardidas com orçamentos ínfimos” e concentravam sua atenção em outras regiões: América Latina e Extremo Oriente, ou em prisões de dissidentes políticos. A *Middle East Watch*, braço da HRW no oriente médio, por exemplo, só fora instituída em 1990. Por fim, não havia um *lobby* étnico curdo a exemplo do armênio ou judaico. Os curdos que viviam nos EUA na época não se mobilizaram, assim como as organizações curdas que já estavam presentes no Ocidente.

O presente trabalho busca relacionar a repressão aos curdos no Iraque e na Turquia entre a segunda metade dos anos 80 e a primeira metade dos anos 90, com a diáspora curda na Europa e nos Estados Unidos. Neste

trabalho abordarei a campanha genocida ANFAL nos anos 1987 e 1988 e a repressão à insurgência de 1991 perpetradas pelo regime de Sadam Husseim no Iraque; e também a campanha de evacuação e destruição de vilas e assassinatos de curdos por forças militares e paramilitares na Turquia nos cinco primeiros anos da década de 90.

Pretendo relacioná-las com a imigração de curdos para a Europa principalmente, mas também para os Estados Unidos, buscando analisar sua relação com o reforço da identidade curda no exílio e o aumento da mobilização pela causa curda no Ocidente.

Como objetivo principal, busco demonstrar que a repressão aos curdos no Curdistão foi fundamental para o aumento da sua imigração para a Europa e os Estados Unidos, e explorar quais são as consequências dessa imigração para a questão curda. E ainda, explorar como a repressão aos curdos na Turquia e no Iraque influenciou no surgimento de instituições curdas na Europa e nos Estados Unidos.

Minha hipótese é que o grande fluxo de imigrantes foragidos dos conflitos reforçou a identidade curda e estreitou os laços entre as comunidades de curdos na Europa e nos Estados Unidos. Isso mobilizou a população curda desses países para a situação dos curdos no Curdistão, impulsionando a criação de organizações sobre o tema. Ajudou, também, a criar um *lobby* para a questão curda na Europa e nos Estados Unidos; o que pode ser percebido nas fontes documentais discutidas neste trabalho.

Tenho ainda o objetivo de demonstrar que o tratamento desumano infligido aos curdos no período mudou a postura das organizações de direitos humanos, notadamente a *Human Rights Watch* e a Anistia Internacional, atraindo posteriormente sua atenção para a região, transformando a questão curda em um dos temas mais intrigantes e pouco explorados pela História do Tempo Presente.

Creio que tal atenção dada por essas instituições de direitos humanos à situação da população curda no Iraque e na Turquia influenciou no envolvimento das potências do Ocidente na questão curda, uma vez que com seus relatórios, e sua consequente repercussão, elas são capazes de dar maior visibilidade à causa, e, por vezes, ajudar no *lobby* junto aos governos ocidentais.

Para a formação de um quadro teórico dessa pesquisa, considero ser essencial trabalhar os conceitos de nacionalismo, comunidade étnica, exílio e identidade.

Utilizando o conceito de identidade cultural proposto por Stuart Hall, pretendo discutir a identidade nacional das comunidades curdas residentes

na Europa e nos Estados Unidos na primeira metade dos anos 90. Para Hall, o nacionalismo é a principal identidade cultural moderna, mas sofre abalos hoje, fazendo com que a identidade nacional não seja sempre a primeira opção de identificação dos indivíduos.

Busco também questionar a relação entre os conceitos de tradição e tradução em Hall. O autor defende a opção pela tradução dos imigrantes oriundos das periferias em seu contato com o centro, o que lhes daria uma cultura híbrida, onde absorveriam influências de sua cultura original e da cultura local para onde migraram. Hall aparenta ter uma posição contrária ao que chama de novos nacionalismos, entre os quais cita o nacionalismo curdo.

Para um diálogo com Hall, utilizo o conceito de exílio de Edward Said, para quem o exílio no "nosso tempo" é uma fratura incurável e não pode mais ser visto como algo bom. Segundo este autor, a condição de exilado é criada para negar a dignidade e a identidade às pessoas. O exílio é assim um tipo de punição política contemporânea.

O exílio, segundo Said, arranca o indivíduo da tradição, mas a comunidade para o exilado tem a capacidade de representar uma volta para casa. Nesse ponto, Said nos oferece uma boa base para o questionamento da oposição entre tradição e tradução em Hall.

Pretendo, ainda, discutir o conceito de nacionalismo. Primeiramente como abordado por Eric Hobsbawm, Ernest Gellner e Benedict Anderson, e, a partir daí, através de uma perspectiva baseada nas críticas propostas por Gopal Balakrishnan e Anthony Smith.

Quanto ao conceito de identidade, além de Stuart Hall, trabalharei com Pierre Bourdieu e Zygmunt Bauman.

Utilizo também o conceito de pureza como apresentado por Bauman para melhor abordar a relação entre nacionalismo e comunidade étnica.

### Metodologia de pesquisa

A pesquisa é feita principalmente a partir de documentação de organizações de defesa dos direitos humanos como a Anistia Internacional e a *Human Rights Watch*, para cuja obtenção utilizo os sites dessas organizações na internet.

Também pela internet, procuro explorar os sites de institutos e organizações curdas que funcionam na Europa e nos Estados Unidos como o *Institut Kurde de Paris*, o *Kurdish Human Rights Project* na Inglaterra, a

*Kurdiska Biblioteket* (biblioteca curda) em Estocolmo, na Suécia, o *Washington Kurdish Institut* e o *Kurdish National Congress of North America*. Pretendo fazer entrevistas com membros dessas organizações, que terão de ser realizadas por troca de e-mails, e também buscar depoimentos de seus membros na imprensa.

Considerando que as fontes não são neutras, busco fazer sua análise levando em conta os objetivos dos discursos que posso perceber nelas. Começando pelos documentos de organizações de direitos humanos, destaca-se primeiramente que elas têm claramente como um de seus objetivos influenciar na política interna dos países, assim como na política externa de outros em relação a eles. Desse modo, percebe-se constantemente em seus relatórios seções como recomendações (*recommendations*) no caso do relatório "*Still Critical*" sobre os curdos deslocados na Turquia da HRW de março de 2005. Nele, as recomendações para a solução do problema são dadas ao governo da Turquia, à União Européia e seus estados membros e à Organização das Nações Unidas, mais especificamente sua equipe (*Country Team*) na Turquia.

Por outro lado, podemos assinalar também o interesse dessas organizações de direitos humanos em informar e influenciar a opinião pública. Nesse sentido considero relevante o exemplo do relatório "*Whatever Happened To The Iraqi Kurds?*" cujos três primeiros pontos são respectivamente "onde estão eles agora?", "os curdos e o Curdistão" e "duas décadas de perseguição pelo regime de Saddam Hussein". Acredito que esses relatórios não são direcionados apenas à cúpula política interessada – que provavelmente já possui boa parte dessa informação – mas também à imprensa e ao público em geral. Como novamente no exemplo de "*Still Critical*" ou ainda no boletim "*Europe & Central Asia Summary of Amnesty International's Concerns in the Region, january-june, 2005*" da Anistia Internacional, eles são sempre bem explicativos, tendo constantemente um sumário que revela o objetivo do documento, além de uma introdução ao tema. Também a publicação e o livre acesso nos seus sites de quase toda a documentação produzida – exceto pela não digitalizada – visa dispô-los para a opinião pública.

Quanto aos sites de organizações curdas, podemos identificar os mesmos interesses, ressaltando, porém, que seus textos possuem uma parcialidade nítida em relação aos curdos. Entretanto, é notório que os sites das organizações visitados até agora para esta pesquisa afirmem sempre a desvinculação da organização com qualquer partido político curdo do Iraque, da Turquia, da Síria ou do Irã. Eles demonstram sempre estar interessados

Sobrevivendo ao genocídio e ao deslocamento: iáspora curda e respostas à repressão na Turquia ..

no povo curdo de maneira geral, e alguns declaram apoiar e promover a causa curda. Sua documentação é interpretada com vistas a essa parcialidade, tal como as entrevistas pretendidas com seus membros.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMNESTY INTERNATIONAL. *Europe and Central Asia: Summary of Amnesty International's Concerns in the Region, January-June 2005*. Amnesty International, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Annual Report 1995*. Amnesty International, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Annual Report 1996*. Amnesty International, 1996.
- ANDERSON, B. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- BALAKRISHNAN, G. (org). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 10. ed.
- BRUINESSEN, M. Van. *Transnational aspects of the Kurdish question*. Florence: Robert Schuman Centre for Advanced Studies, European University Institute, 2000.
- CORNELL, S. E. *The Kurdish question in Turkish politics*. Uppsala: Department of Peace and Conflict Research and East European Studies, Uppsala University, 2001.
- ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FULLER, G. E., BARKEY, H. J. *Turkey's Kurdish question*. New York: Carnegie Corporation of New York, 1993.
- FULLER, G. E. *The fate of the kurds*. Foreign Affairs, 1993.
- GARCÍA, B. L. *El mundo arabo-islámico contemporáneo: una historia política*. Madrid: Síntesis, 2005.
- GELLNER, E. *Naciones y Nacionalismo*. San Lorenzo: Alianza Editorial, 1991.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 11 ed.

- HELSINKI WATCH. *Threats to Press Freedoms: A Report for the Free Media Seminar Commission on Security and Cooperation in Europe*. Helsinki watch, 1993. Vol. 5.
- HUMAN RIGHTS WATCH. *Bureaucracy of Repression: The Iraqi Government in Its Own Words*. Human Rights Watch, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Claims in Conflict: Reversing Ethnic Cleansing in Northern Iraq*. Human Rights Watch, 2004. Vol. 16, n. 4.
- \_\_\_\_\_. *Displaced and Disregarded: Turkey's Failing Village Return Program*. Human Rights Watch, 2002. Vol. 14, n. 7.
- \_\_\_\_\_. *Still critical: Prospects in 2005 for Internally Displaced Kurds in Turkey*. Human Rights Watch, 2005. Vol. 17, n. 2.
- \_\_\_\_\_. *The Silent Treatment: Fleeing Iraq, Surviving in Jordan*. Human Rights Watch, 2006. Vol. 18, n. 10.
- \_\_\_\_\_. *Whatever Happened to the Iraqi Kurds?* Human Rights Watch, 1991.
- INSTITUT KURDE DE PARIS. Disponível em: <<http://www.institutkurde.org/en/>>. Acesso em: 13 abr. 2008.
- KURDISH HUMAN RIGHTS PROJECT. *Impact Report 2007*. Kurdish Human Rights Project, 2008.
- KURDISH HUMAN RIGHTS PROJECT (KHRP). Disponível em: <<http://www.khrp.org/>>. Acesso em: 13 abr. 2008.
- KURDISH NATIONAL CONGRESS OF NORTH AMERICA (KNC-NA). Disponível em: <<http://www.kncna.org/docs/main.asp>>. Acesso em: 20 abr. 2008.
- KURDISKA BIBLIOTEKET. Disponível em: <<http://www.kurdishlibrary.org/>>. Acesso em: 13 abr. 2008.
- MEIHY, M. S. B. *Por devoção à república: nação e revolução no Irã entre 1978 e 1988*. Rio de Janeiro, 2007. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- HOBBSAWN, E. *Nações e nacionalismo desde 1780 – Programa, Mito e Realidade*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- HOBBSAWN, E., RANGER, T. *A invenção das tradições*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- HOURLANI, A. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- OLSON, R. *The emergency of Kurdish nationalism and the sheikh Said rebellion*. Austin: University of Texas Press, 1989.
- POWER, S. *Genocídio: a retórica americana em questão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

- RÉMOND, R. (org). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. SAID, E. Reflexões sobre o exílio e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SATRAPI, M. *Persépolis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SMITH, A. *National identity*. Reno: University of Nevada Press, 1991.
- TRIPP, C. *História do Iraque*. Lisboa: Europa-América, 2003.
- WASHINGTON KURDISH INSTITUTE. Disponível em: <<http://71.18.173.106/index.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2008.